ÁREA TEMÁTICA: EDUCAÇÃO

"Jardim das Sensações": Uma experiência com portadores de necessidades especiais visuais.

Apresentador[1] Daniele Tasior[1]
Apresentador[2] Fernanda Baggio Luz[2]
Autor[3] Tatiane Evangelista[3]
Autor[4] Rayane Ribas[4]
Autor[5] Angélica Góis Muller Morales (Prof.a. Dr.a.)

RESUMO – Trabalhar botânica com deficientes visuais é um grande desafio, principalmente para os acadêmicos que ainda estão em um processo de aprendizagem. Dessa forma, quando solicitado tal atividade temos que criar mecanismos especiais de ensinamento. Assim, acreditou-se que fazendo um "jardim das sensações" seria uma forma eficaz de ensinar sobre alguns tipos de folhas através do tato. Esse jardim consiste em um caminho onde foram colocados vários vasos com plantas de diferentes formatos e texturas, a partir do qual foi possível identificar e diferenciar alguns tipos de folhas pelo nosso publico alvo (portadores de necessidades especiais visuais). Além disso para criar outros tipos de sensações, foi colocado no chão materiais como areia, serragem, algodão, grama e também um fundo musical tipo "sons da natureza" marcando todo o caminho. Concluímos que o "jardim das sensações" é uma atividade/mecanismo eficaz de ensinamento para pessoas especiais, como os portadores de necessidades especiais visuais, que possibilitou a eles um aprendizado de boa qualidade.

PALAVRAS CHAVE –Deficientes visuais, ensino de botânica, ensino-aprendizagem

Introdução

Nos últimos anos, ações isoladas de educadores e de pais tem promovido e implementado a inclusão de pessoas com algum tipo de deficiência ou necessidade especial nas escolas, possibilitando o pleno desenvolvimento e o acesso a todos os recursos da sociedade por parte do segmento educacional.

Desde 1854, quando houve pela primeira vez no Brasil, a preocupação com a educação de deficientes pelo decreto imperial número 1428 baixado pelo Imperador Pedro II, criando o Imperial Instituto de Meninos Cegos – marco inicial da educação de deficientes visuais no Brasil e América Latina, a freqüência em escolas comuns de portadores de necessidades especiais visuais ampliou-se muito não deixando dúvidas quanto à possibilidade de ajustamento social ao aluno deficiente visual e em nível satisfatório de seu desempenho de aprendizagem.

Paralelamente a esta expansão de oportunidades ao portador de necesidades especiais visuais foi se consolidando a formação de professores especializados. No entanto, é necessário que o professor de educação especial esteja ciente de que a deficiência visual constitui-se de uma privação de estímulos e de informações do meio ambiente, portanto, a grande função do educador é

[1]Acadêmica do 3° ano/noturno do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, UEPG, Ponta Grossa – PR. E-mail: tasior_89@hotmail.com
[2]Acadêmica do 3° ano/vespertino do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, UEPG, Ponta Grossa – PR. E-mail: fernanda.baggioluz@yahoo.com.br
[3]Acadêmica do 3° ano/vespertino do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, UEPG, Ponta Grossa – PR. Email: tati.evangelista-bio@hotmail.com
[4]Acadêmica do 3° ano/vespertino do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, UEPG, Ponta Grossa – PR. Email: rayaribas@hotmail.com
[5]Docente da disciplina Laboratório de Ensino em Ciências Biológicas II do 2° ano/vespertino, UEPG, Ponta Grossa - PR. E-mail: clscayub@uepg.br

encontrar caminhos para que o portador de necessidades especiais visuais amplie seu contato com o mundo que o cerca.

As pessoas com problemas visuais sérios compõem um grupo que necessita de adaptações curriculares e alguns recursos didáticos específicos para que possam participar ativamente do processo de ensino-aprendizagem. Talvez em nenhuma outra forma de educação os recursos didáticos assumam tanta importância como na educação especial de portadores de necessidades especiais visuais. Um dos problemas enfrentados por este modo educacional é a dificuldade do contato com o meio físico. Desta forma, o manuseio de diferentes materiais, possibilita o treinamento da percepção tátil, facilitando a discriminação de detalhes, assim como o estimulo de outros sentidos, com exceção da visão. Assim, o contato com diferentes recursos, pode suprir lacunas na aquisição de informações pelo portador de necessidades especiais visuais.

É o que se propõe o projeto intitulado "jardim das sensações: uma experiência com portadores de necessidades especiais visuais", um método alternativo de educação especial e uma atividade/mecanismo eficaz de ensinamento para pessoas especiais, possibilitando a esse grupo um aprendizado de boa qualidade.

Objetivos

Viabilizar uma aula dinâmica e interativa para portadores de necessidades especiais visuais, com o desenvolvimento de temas relativos ao conhecimento de botânica (classificação das folhas) por meio da exploração dos sentidos do tato; proporcionar o reconhecimento de alguns vegetais, assim como de produtos de origem vegetal (como o chocolate) por meio da exploração do sentido do olfato; ainda proporcionar uma maior integração do deficiente visual com texturas naturais diferenciadas, como a areia, folhas secas, o algodão, e a água por meio da exploração de sentidos variados; e, por fim, proporcionar a esse público um ambiente com sonorização tipo 'sons da natureza", deixando o trajeto ainda mais agradável de ser percorrido.

Metodologia

O ambiente onde o Jardim das Sensações foi montado consistiu de uma sala ampla, onde foram dispostas carteiras uma ao lado da outra. Nestas carteiras foram colocados diferentes materiais (fig.3). Foram usados quatro vasos de plantas com características distintas, como textura, tamanho e formato de folhas diferentes, e foi possível em alguns dos vasos sentir o perfume das flores e da própria planta. Os vasos ficaram a uma altura adequada para que os portadores de necessidades especiais visuais pudessem tocá-los. Além das plantas, usou-se gel com aroma, e uma garrafa de água bem gelada; foi utilizado chocolate, essência de baunilha e pó de café de modo a estimular o sentido do paladar e olfato, e uma fonte e um fundo musical para estimular audição.

Os participantes antes de iniciar a atividade, tiraram seus calçados, e foram conduzidos um a um, com o auxílio de um dos integrates do grupo, seguindo uma corda que servia de apoio, ao longo de todo o caminho, (fig.1). Pessoas não portadoras de necessidades especiais foram vendadas para poderem participar da atividade proposta, e terem a oportunidade de "ver" as coisas de uma forma bem diferente, (fig.2).

A mudança de piso também foi uma estratégia usada para mexer com a percepção do nosso público alvo (fig.3). No chão foram montados pequenos trechos contendo materiais diversos. Foi utilizado para compor a mudança de piso, areia, serragem, agodão, grama, folhas secas, além de uma miniatura de 'piscina' confeccionada com EVA, onde se colocou água, para poder estimular ainda mais os sentidos dos visitantes. Ao final do caminho, os visitantes foram direcionados a sentarem-se e iniciava-se uma pequena explicação sobre os compenentes vegetais que se encontravam entre os diferentes materiais. Levou-se o conhecimento aos portadores de necessidades especiais visuais sobre as funções básicas das folhas, assim como suas partes constituites, formato e textura, de uma forma dinamica e interativa.

Resultados

Um local onde se estimula o portador de necessidades especiais visuais a aguçar o tato, olfato, o paladar e a audição, o Jardim das Sensações, no inicio, causou estranhamento e curiosidade ao mesmo tempo em nosso publico alvo. O estímulo para continuar o caminho foi renovado pela expectativa do que estava por vir. Percebemos que a cada nova descoberta, nossos visitantes se surprendiam com o que encontravam, e tentavam dar respostas corretas do que estavam tocando, sentindo e ouvindo. A cada mudança de piso, estimulavam-se novas sensações nos portadores de

necessidades especiais visuais, desde medo quando pisavam pelas folhas secas, a sensações de delicadeza e leveza causadas pelo algodão. Durante todo o percurso notou-se que os portadores de necessidades especiasis visuias possuiam todos os seus sentidos, exceto a visão, mais aguçados do que não portadores de necessidades especiais visuais. Ao final do caminho, foram explicadas as principais funções das folhas assim como suas partes costituintes, promovendo ao nosso público alvo novos conhecimentos acerca da botânica, e também algumas curiosidades, interagindo com conhecimentos que eles já possuíam. Pode-se notar sua surpresa face a alguns elementos que eles ainda desconheciam.

Figura 1 – Jardim das Sensações



Portador de necessidade especial visual fazendo o percurso do caminho com o auxílio de uma integrante do grupo.

Figura 2 – Jardim das Sensações



Pessoas não portadoras de necessidades especiais visuais vendadas para poderem percorrer o caminho

Figura 3 – Jardim das Sensaçoes



Disposição dos materiais sobre as mesas, e mudança de piso.

O trabalho realizado pelo grupo serviu não só como um metodo eficaz de educação especial, mas como uma lição de vida, mostrou-nos que os portadores de necessidades especiais visuais, apesar de suas limitações, são capazes de ir muito além do que imaginamos e que estes têm uma sede imensa de aprender, e, portanto, merecem a devida atenção para que possam ter uma educação de qualidade, assim como métodos adaptados que possam contribuir com o ensino-aprendizagem de portadores de necessidades especiais visuais.

Conclusões

O “ Jardim das Sensações” mostrou ser um método eficaz na educação especial, onde os portadores de necessidades especiais visuais tiveram a oportunidade de estimular seus diferentes sentidos assim como obterem conhecimentos sobre botânica, de uma forma pratica e dinâmica

Referências

BUENO, J.G.S. **Educação especial brasileira: Integração/segregação do aluno diferente.** 2ª ed. São Paulo: EDUC (PUC – SP), 2004

MACIEL, M.R.C. **Portadores de deficiência: a questão da inclusão social.** *São Paulo Perspec.* [online]. 2000, vol.14, n.2

MASINI, E.F.S. **A educação do portador de deficiência visual – as perspectivas do vidente e não vidente.** In: Alencar EML. Tendências e desafios da educação especial. Brasília, SEESP; 1994. p.103.